

ISSN 2177-7365

BOLETIM
MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

03

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

BOLETIM
MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

03



REITORA

Profª Drª Nádina Aparecida Moreno

Vice - Reitora

Vice-Reitora. Profª. Drª. Berenice Quinzani Jordão

Diretora do Museu

Profª Drª Angelita Marques Visalli
Coordenação Geral

Comissão Executiva

Aurea Keiko Yamane
Barbara Daher Belinati
Célia Rodrigues de Oliveira
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Foto Capa

Rui Cabral

Revisão de texto

Cristina Simon - disque gramática

Projeto Gráfico e Editoração

Elder Gustavo Abe
Glaubher V. de A. Pessusqui
(Pictolab Design)

Textos de projetos e exposições

Profª Drª Angelita Marques Visalli

Editoras responsáveis

Profª Dra Angelita Marques Visalli
Rosangela Ricieri Haddad

Impressão Midiograf

Fonte: Garamond e Bodoni

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. – Londrina-Pr : Universidade Estadual de
Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina – História. 3. Universidade Estadual de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

SUMÁRIO

Apresentação	
<i>Angelita Marques Visalli</i>	05
1. Projetos	06
1.1. Coleção de Imagens José Juliani (1896-1976): recuperação, organização, digitalização e exposição.....	06
1.2. Memória ferroviária de Londrina: recuperação dos carros ferroviários da R.V.P.S.C.....	07
1.3. Memória, espaço e identidade: as experiências da Oficina de Mapas <i>Keila Fernandes Batista</i>	08
2. Exposições	10
2.1. Expressão visual de um autodidata: José Juliani, o colono-fotógrafo.....	10
2.2. Haruo Ohara: fotografias.....	11
3. Artigos	12
3.1. A ciência em peças como uma proposta de divulgação científica <i>Alexandre Fregolente et al.</i>	12
3.2. O lugar social do “pioneiro” no tempo presente <i>Jose Miguel Arias Neto</i>	18
3.3. Museus históricos: desafios da salvaguarda e da comunicação <i>Gilberto Hildebrando</i>	24
4. Entrevista	31
4.1. Maria Angélica Janazivicz de Lima.....	31
5. ASAM	34

Apresentamos a terceira edição do Boletim Museu Histórico de Londrina. A satisfação é acrescida pelo ambiente festivo em função do aniversário do Museu. São quarenta anos de atividades, uma trajetória que combinou a vontade de constituir um espaço universitário de pesquisa, ensino e extensão e um espaço cultural da cidade voltado para sua memória.

Muitos são os percalços de uma instituição cultural, o que reafirma a necessidade de celebração, e essa comemoração numa cidade tão jovem (76 anos de emancipação; 81 anos de constituição de sua comunidade) tem um significado ainda mais especial e estimulante, pois a preocupação com a construção e com a proteção de uma identidade própria faz parte desta comunidade.

Certamente o Museu deve comemorar examinando tudo o que há por fazer, trabalho constante de instituição viva que precisa responder aos movimentos da sociedade. Não existe uma única resposta, mas buscamos compartilhar esforços para refletir mais e melhor. Nesse caminho, muitos são os dispostos a contribuir, mais do que aqueles somente disponíveis a examinar de longe. Acreditamos que o Boletim vem ao encontro dessa iniciativa e, por isso, agradecemos a todos os seus colaboradores.

Nesse número, além da apresentação das atividades desenvolvidas no Museu, em especial suas exposições, temos três artigos com questões bastante atuais: o texto de Sérgio de Mello Arruda e outros nos apresenta os trabalhos desenvolvidos no projeto do Museu Itinerante de Ciências, trazendo-nos uma perspectiva diferenciada quanto à concepção de museu, além de efetiva interação com a comunidade.

O artigo de José Miguel Arias Neto vem refletir sobre o conceito de pioneiro, expressão carregada de significado para a região, salientando suas implicações na construção da memória da cidade. Essa expressão de uso tão generalizado implica em limites e distorções que não podem deixar de ser pensadas.

O texto de Gilberto Hildebrando traz a discussão sobre a construção da memória no espaço específico do Museu, apresentando-o inserido nas relações de poder que definem o que deve ou não ser preservado e exposto.

Os temas apresentam, assim, questões desafiadoras que estimulam o “olhar para si” e a vontade de corresponder mais e melhor à responsabilidade sobre a guarda do passado que queremos e podemos preservar.

Profa. Dra. Angelita Marques Visalli
Diretora do Museu Histórico de Londrina

1. PROJETOS

1.1. COLEÇÃO DE IMAGENS JOSÉ JULIANI (1896-1976): recuperação, organização, digitalização e exposição.

A coleção José Juliani pode facilmente ser identificada como uma das mais preciosas sob a guarda do Museu Histórico.

José Juliani foi, no período compreendido entre 1933 e 1943, o profissional contratado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) para documentar o processo de ocupação das terras na região de Londrina. Muitas dessas fotografias tornaram-se muito conhecidas, porque apresentam momentos e situações marcantes da história local.

Além dos registros daquele empreendimento e de imagens com cunho de divulgação, Juliani foi colecionando, ao longo dos anos, momentos celebrativos da comunidade e fotografias de estúdio, deixando um precioso acervo de 440 fotos, 390 negativos de vidro e 1 álbum contendo 108 fotos. Essa coleção foi adquirida pelo Museu após a morte do fotógrafo, em 1976.

Inicialmente, foi realizado o tratamento de estabilização dessas imagens com a reprodução de fotos e geração de negativos de segunda geração.

A segunda etapa desse projeto consistiu na montagem da exposição “Expressão visual de um autodidata – José Juliani, o colono-fotógrafo”, aberta em setembro de 2010, em comemoração aos 40 anos do Museu Histórico de Londrina.

A terceira etapa implica a elaboração de catálogo com seleção de fotografias que compreenderá o número 2 da coleção “Londrina Documenta”, publicação de divulgação do acervo do Museu, prevista para dezembro de 2010.

O projeto é patrocinado pelo Programa de Incentivo à Cultura (Promic) da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, edital 2009, por meio da Associação dos Amigos do Museu (ASAM), e conta com o apoio não só da prefeitura do *campus* da Universidade Estadual de Londrina, em termos de infraestrutura e de mão de obra, como também da FIXAR quanto às ampliações para a exposição.

1.2. MEMÓRIA FERROVIÁRIA DE LONDRINA: recuperação dos carros ferroviários da R.V.P.S.C.

Este projeto visa à recuperação de dois carros ferroviários belgas destinados ao transporte de passageiros. Os veículos faziam parte do patrimônio da R.V.P.S.C., (*Rede de Viação Paraná – Santa Catarina*) e, posteriormente, foram doados ao Museu Histórico de Londrina pela R.F.F.S.A. (*Rede Ferroviária Federal*).

Os carros constituem peças raras do acervo memorial brasileiro: um deles é de uso misto, com duas classes distintas na mesma unidade (primeira classe e segunda classe); já o outro era um “carro-pagador”, onde funcionavam escritório, cozinha e dormitório, além de *toilettes*, cofre, fogão, escrivaninhas, arquivos e *guichet* de pagamento dos salários de funcionários da linha em construção.

O objetivo principal do projeto é a recuperação do aspecto externo dos dois carros ferroviários expostos no Museu e sua disponibilização para a visita interna. Devido ao desgaste natural, são incorporados elementos mais adequados à sua preservação. Assim, o madeiramento corrompido está sendo substituído, assim como os assentos, procurando-se preservar, ao máximo, os itens originais.

O projeto é patrocinado pelo Programa de Incentivo à Cultura (Promic) da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, edital 2010, por meio da Associação dos Amigos do Museu (ASAM), contando, ainda, com o apoio de infraestrutura e de mão de obra da prefeitura do *campus* da Universidade Estadual de Londrina e com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, mediante doação de madeira. O projeto e a execução estão sendo acompanhados por Christian Steagall-Condé, arquiteto assessor do Museu e de Amilton Batista Cardoso.

Além da exposição permanente dos carros reformados e das ações educativas previstas, o projeto prevê a realização de um Catálogo Técnico dos Carros Belgas e sua disponibilização no *site* do Museu.

1.3. MEMÓRIA, ESPAÇO E IDENTIDADE: as experiências da Oficina de Mapas.

*Keila Fernandes Batista**

É possível mapear os cheiros, os sentimentos e as memórias? É pensando nessas questões, assim como na possibilidade de novas formas de mapeamentos, que desenvolvemos a Oficina de Mapas, entre aquelas oferecidas às escolas básicas pelo Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná, desenvolvido em parceria com o Museu Histórico de Londrina, e o Departamento de História da UEL com o apoio do Programa Universidade Sem Fronteiras (SETI-PR).

Na oficina o aluno tem contato com mapas oficiais e alternativos, tais como mapas de cheiros, sons, mapas afetivos, que problematizam a idéia de lugares significativos para o aluno e a comunidade e trazem para a sala de aula debates acerca das noções de História, memória, patrimônio e sobre a produção de fontes históricas. Estes são pensados como documentos históricos em potencial, importantes para o ensino de História e o estudo das experiências locais.

Antes de qualquer coisa, é importante indicar o mapa como documento histórico, e mostrar que, a partir dele, podem ser realizados questionamentos relevantes para a produção do conhecimento, ampliando a visão do mapa como ferramenta de exclusividade da geografia rumo à sua compreensão como fonte histórica para estudo da história local, como objeto de pesquisa histórica e para o ensino de História.

Já com a idéia de um mapeamento que destaque os elementos de identificação com a comunidade, presente nas obras do arquiteto Humberto Yamaki, podemos pensar as alternativas de mapeamento e expor para os alunos a possibilidade de se mapear algum lugar pelos seus cheiros ou sons, pelas lembranças que despertam, pelas rotas de trabalho percorridas diariamente, as relações em sua sala de aula,

*- Estagiária-bolsista do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná, graduanda em História pela Universidade Estadual de Londrina.

enfim, as possibilidades de construção do mapa a partir de elementos de identificação com os espaços com os quais interagimos ou sobre os quais herdamos memórias.

A produção destes mapas alternativos pelos alunos tem sido muito satisfatória, pois eles permitem entrever que identidades seus autores assumem no grupo de origem, expondo suas memórias, sentimentos e os fatores que interferem em sua vida de modo mais intenso, como o trabalho dos pais, a violência ou a presença do tráfico.

Assim, a oficina de mapas proporciona o contato dos alunos com diferentes fontes, com os debates sobre a memória e o patrimônio, e os trata como agentes que também produzem documentos, enfatizando a importância de cada um em seu espaço e estimulando o sentimento de pertença à comunidade local.

2. EXPOSIÇÕES

2.1. EXPRESSÃO VISUAL DE UM AUTODIDATA:

José Juliani, o colono-fotógrafo.

A abertura da exposição “Expressão visual de um autodidata – José Juliani, o colono-fotógrafo” aconteceu em comemoração aos 40 anos do Museu Histórico de Londrina, na Galeria de Mostra Temporária do Museu, em 17 de setembro. Com 65 imagens ampliadas, além de outras em tamanho original, objetos pessoais e de trabalho de José Juliani, a exposição apresentou uma leitura de conjunto da coleção, acrescida de imagens cedidas pela família do fotógrafo.

Suas imagens mais conhecidas são apresentadas entre outras e seu conjunto revela uma perspectiva de fotografia que, por si, desperta interesse histórico: um olhar direcionado, definido pela intenção enquadrada, a pose congelada, o registro oficial. Como fotógrafo de estúdio, Juliani perseguiu a composição mais perfeita para enquadrar a infância, a família, a beleza da moça. Como fotógrafo contratado, apresentou a imagem positiva da cidade em crescimento, de um progresso sem contra-argumentação. Como fotógrafo de rua, congelou as feições dos transeuntes que assim o desejavam.

A montagem da exposição consistiu em uma das etapas de projeto desenvolvido no Museu Histórico com patrocínio do Programa de Incentivo à Cultura (Promic) da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, edital 2009, por meio da Associação dos Amigos do Museu (ASAM), contando com o apoio da prefeitura do *campus* da Universidade Estadual de Londrina, assim como da FIXAR quanto às ampliações para a exposição. (Sobre o projeto, ver pág. 6)

A equipe do Museu Histórico desenvolveu e executou o projeto cujas imagens estarão à disposição de instituições culturais e escolares para exposições itinerantes, possibilitando maior disseminação.

2.2. HARUO OHARA: fotografias.

Entre 9 de abril e 9 de julho de 2010, foi realizada uma mostra de fotografias de Haruo Ohara, colono japonês que chegou a Londrina em 1933 e que, ao aprender a fotografar, transformou esse gesto numa forma de expressão muito característica e de grande beleza plástica.

Em suas imagens, a natureza emerge poderosa e intensa e remete ao infinito. Os rostos e os gestos cotidianos e simples revelam, para muito além do registro, a intensidade da existência, pois são impregnados da visão de mundo do fotógrafo. A sensibilidade poética de Haruo Ohara provocou entre os visitantes uma efusão de sentimentos: uma cumplicidade pareceu se estabelecer entre o público e as fotografias, por um lado pelo reconhecimento de pessoas, lugares, brincadeiras ou objetos, por outro, pelo reconhecimento de olhares e gestos que pertencem a todos e a somente alguns é possibilitado captar e expressar fora de seu tempo/momento.

O acervo pertence hoje ao Instituto Moreira Salles e a organização da mostra, com a curadoria primorosa de Sergio Burgi, contou com a apresentação de imagens em movimento do acervo fílmico da família Ohara e de cenas captadas por Hikoma Udihara, (esses filmes hoje pertencem ao Museu Histórico de Londrina), assim como objetos pessoais do fotógrafo. Aliado a isso, destaquemos a sonorização que ampliou grandemente a capacidade de imersão do visitante.

Essa exposição integrou uma atividade intitulada “Temporada Ohara em Londrina” que, além do Museu Histórico, envolveu o Museu de Arte de Londrina - onde foram expostas imagens abstratas de Haruo Ohara -, a Casa de Cultura da Universidade Estadual de Londrina, que promoveu o Fotolink, através do qual foi apresentado o curta-metragem “Haruo Ohara” com direção de Rodrigo Grota, além de mostra com fotografias de Saulo Ohara, seu neto. Foi, ainda, apresentada uma exposição de telas de Hideomi Ohara, irmão de Haruo, na Biblioteca Pública Municipal.

3. ARTIGOS

3.1. A CIÊNCIA EM PEÇAS COMO UMA PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

*Alexandre Fregolente**

*Marinez Menegbelo Passos***

*Sergio de Mello Arruda****

Resumo:

Nesse trabalho, pretende-se mostrar como as peças teatrais podem contribuir com o processo de divulgação científica. Essa interação entre Teatro e Ciência no contexto do Museu de Ciência e Tecnologia de Londrina (MCTL) tem por objetivo divulgar conceitos científicos para a população em geral, com ênfase para a comunidade escolar. Apresenta-se aqui, algumas considerações a respeito desta atividade realizada pelo MCTL, frisando, em particular, a importância dessa proposta, bem como o estímulo que deve ser dado pelos estagiários/atores ao público, para que este desenvolva, continuamente, seu interesse pelo conhecimento científico.

Palavras-chaves: teatro, divulgação científica, museus científicos.

A busca pela divulgação

Hoje a sociedade assiste a uma constante transformação gerada, principalmente, pelas novas tecnologias. Essas transformações requerem uma adaptação das técnicas e dos métodos de educação, de ensino e de divulgação científica. As modificações desses métodos e dessas formas de ensino ocorrem em um tempo em que a própria educação científica, na tentativa de se aproximar do cotidiano dos alunos, amplia-se para outros espaços sociais, que não os ambientes escolares, a fim de criar uma correlação entre a educação formal e a educação não formal, esta realizada em espaços como museus, planetários, observatórios, parques de e para visitas entre outros.

*- Discente de Mestrando em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina – afregolente@gmail.com

** - Docente do Departamento de Matemática da Universidade Estadual de Londrina – marinezmp@sercomtel.com.br

***- Docente do Departamento de Física da Universidade Estadual de Londrina – renop@uel.br

Essas reformulações devem responder às definições propostas pelas instituições de ensino em todos os níveis, na orientação de compromissos e nas suas propostas educacionais de divulgação científica. Observa-se nesse cenário, a importância de Museus Científicos para a promoção cultural de conhecimentos e, mais especificamente, a promoção da educação científica.

A relação entre Ciência e Arte

Nota-se uma crescente utilização de peças teatrais como auxiliares para divulgação do conhecimento científico. Isso se torna perceptível quando observamos esses recursos presentes em produções midiáticas como programas de auditório, contextos propagandísticos, séries televisionadas e encenações em geral. Para Oliveira e Zanetic (2005), a utilização de peças teatrais estimulam a sensibilidade, a percepção, a intuição, além de oferecer a oportunidade de se arriscar, de descobrir, de expor sua forma de pensar.

Buscando criar um “elo entre Ciência e Arte” (SILVEIRA et al., 2000 e SILVEIRA et al., 2009), o Teatro surge como um tonificante dessas reformulações. Segundo Matos (2003) e Zanetic (2006), a utilização do teatro funciona como difusor do conhecimento científico.

Quando optamos pela utilização de peças teatrais como forma de divulgação, emerge a questão do por que de sua utilização. Para Gardair e Schall (2009):

O teatro tem se mostrado um dos mais potentes meios de expressão humana ao longo dos tempos, apesar do surgimento de tantas outras formas de comunicação artística. [...] Talvez a longevidade e atualidade do teatro possam ser atribuídas ao seu caráter coletivo e ao fato de a linguagem teatral sintetizar tantas faculdades criativas do homem, na medida em que reúne variadas formas de expressão, como: a literatura, a música, a dança, a arquitetura ou a pintura. Sendo arte coletiva, o teatro vai ao encontro do instinto ancestral do ser humano, que buscou se agrupar para criar melhores condições de sobrevivência (GARDAIR e SCHALL, 2009, p.697).

Neste sentido, a produção de peças teatrais como proposta de divulgação científica, amplia e enriquece os processos de aprendizagem, sendo, também, de grande importância social, pois estimula o espectador a criar novas visões e amplia sua capacidade crítica.

O Projeto A Ciência em Peças

No MCTL, instalado no Campus da Universidade Estadual de Londrina (UEL), foi idealizada e executada uma proposta intitulada – *A Ciência em Peças*. Esse espetáculo foi projetado no final de 2007 com a finalidade de articular Ciência e Arte, e passa a ser desenvolvido por alunos de graduação dos cursos de Física e Química e alguns profissionais da área de Arte e Teatro.

A Ciência em Peças – nesse contexto do MCTL – passou a ser visto por três ângulos concomitantemente – com as lentes da educação não formal; como um espaço que abre a possibilidade de contextualizar uma aprendizagem do conhecimento científico (pela comunidade exterior à academia) por meio de um processo de divulgação; como ambiente de aprendizagem de conceitos de Física e de Química (pelos acadêmicos). Em outras palavras – teatro e linguagem de divulgação científica; espaço formativo e educação não formal.

Partindo dessa premissa, as encenações foram desenvolvidas para conseguirem uma forte atração lúdica, em sua estrutura cada cena era iniciada com a ênfase em alguma situação do nosso cotidiano (como pode ser observado na Figura 1), que, muitas vezes nos causam indagações de “*como isso acontece?*”, “*por que isso acontece?*”.



Figura 1 – Fotografia feita durante uma das apresentações do espetáculo. Nesta cena as estagiárias/atrizes representam uma situação em que duas alunas – realizam um diálogo no recreio na escola – questionando: Por que a banana esta “amarrando a boca” e a laranja esta azeda?

Após a situação criada, entra em cena a figura do *cientista*, o qual tenta responder as questões fazendo uso de explicações científicas com o auxílio de algum experimento relacionado à situação diária que deflagrou dúvida. Os experimentos que compõem a peça foram adaptados para serem atrativos, utilizando recursos como o surgimento de cores, fumaça, raios entre outros. Com estes efeitos, busca-se ‘prender’ a atenção do público para uma melhor compreensão dos conceitos ali divulgados.

De forma semelhante ao Projeto *A Ciência em Peças*, a utilização de peças teatrais como meios de divulgação científica, também ocorrem em outras instituições de ensino superior entre elas: Universidade de São Paulo (USP) com o espetáculo O Monocórdio de Pitágoras promovido pela Estação Ciência; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) com o espetáculo Fanáticos da Química; Universidade Federal do Ceará (UFC) com o projeto intitulado Seara da Ciência. Fatos que reforçam a importância dessa produção como meio de disseminação do conhecimento científico.

Considerações Finais

Nos dias de hoje, percebe-se a necessidade de desenvolver um comprometimento cada vez maior (das diversas instituições – não somente as educacionais), quando o assunto é educação. Vemos que a educação faz-se presente na vida de todos, seja num contexto individual (formação de cada pessoa) ou coletivo (formação de uma comunidade). Diante do exposto, consideramos que a divulgação científica precisa ser tratada de forma eficaz, mais dinâmica, e de maneira a alcançar e atender grande parte da sociedade. Essa proposta de constituição do espetáculo – *A Ciência em Peças* – desenvolvida pelo MCTL vem ao encontro dessa idealização – buscando mobilizar cada visitante ou uma turma de alunos a discutirem mais a Ciência presente em seu dia a dia.

Agradecimentos

Às estagiárias/atrizes da Figura 1 – Gisele Alves dos Reis e Naomi Magalhães Santos.

À Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

BIBLIOGRAFIA

GARDAIR, Thelma Lopes Carlos; SCHALL, Virgínia Torres. Ciências possíveis em Machado de Assis: teatro e ciência na educação científica. *Ciência & Educação*: Bauru, v.15, p.695-712, 2009.

MATOS, Cauê. (Org.). *Ciência e Arte: imaginário e descoberta*. São Paulo: Terceira margem, 2003.

OLIVEIRA, Neusa Raquel de; ZANETIC, João. O trabalho do físico através do teatro. In: XVI Simpósio Nacional de Ensino de Física, 2005, Rio de Janeiro. *Cadernos de Resumos do XVI Simpósio Nacional de Ensino de Física*, 2005.

PASSOS, Marínez Meneghello; ZAPPAROLI, Ferdinando Vinicius Domenes; ARRUDA Sergio de Mello. A formação do licenciando em física no espaço museal. In: *Revista Maquinações: ideias para o ensino das ciências*, Londrina, 2010;

SILVEIRA, Alessandro Frederico da; ATAÍDE, Ana Raquel Pereira de; FREIRE, Morgana Lígia de Farias. Atividades lúdicas no ensino de ciências: uma adaptação metodológica através do teatro para comunicar a ciência a todos. *Educar em Revista*, v.34, p.251-262, 2009.

ZANETIC, João. Física e Arte: uma ponte entre duas culturas. In: *Proposições*: Campinas, v.17, n.1, p.39-58, 2006.

3.2. O LUGAR SOCIAL DO “PIONEIRO” NO TEMPO PRESENTE

*Jose Miguel Arias Neto**

Resumo:

*Este texto está baseado em 17 depoimentos coletados ao longo dos anos de 1991 e 1992, durante pesquisa realizada para a elaboração de dissertação de mestrado. Por vários motivos, ele não foi incorporado quer à dissertação, quer ao livro *O Eldorado: Representações da Política em Londrina 1930-1975*, publicado quatro anos mais tarde pela Editora da UEL. As fitas, as transcrições e os termos de cessão das entrevistas aqui consideradas estão depositadas no Centro de Documentação e Pesquisa História do Departamento de História1.*

Palavras-chave: *Política; Representações; Memória.*

A crônica histórica da cidade de Londrina, bem como determina da historiografia em voga até por volta de meados dos anos oitenta glorificavam o passado da cidade, em especial a década de cinquenta, os chamados anos dourados da cafeicultura paranaense, ou o **Eldorado** como era chamado, por muitos, aquele período². A convicção de que a cidade e a região se desenvolveriam indefinidamente era uma crença mais ou menos arraigada e caracterizam o discurso do progresso. Por outro lado, as representações da memória apresentam outras imagens, que permitem entrever outras questões sociais. Na medida em que o depoimento é concedido no presente, estas memórias são profundamente marcadas por *um final*- por assim dizer, da história- nomeado como “decadência”. Nesta noção de decadência, confluem-se muitos aspectos econômicos e sociais, fatores fizeram com que o depoente

1- São os seguintes: Srs. Alcione Pimpão F. Alves, Hamil Adum, Jacintho Tosetti, Milton Menezes, José Hosken de Novais, Luiz Juliani, Arlindo Codato, Genecy de Souza Guimarães, Antonio Menolli, Antonio Lima Sobrinho e Sras. Vera Câmara, Hilária Sperandio Lopes, Maria Angélica de Lima, Severina Alho e Elizabeth Adum.

2- Ver: ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina 1930-1975*. Londrina: Editora da UEL, 1998.

*- Departamento de História - UEL

construísse outra referência sócio-histórica para si mesmo: a de pioneiro, cuja função seria a de narrar às novas gerações a história que viveu, história esta carregada de sentimentos, crenças, símbolos e mitos. É destas histórias que se tratará aqui.

“Londrina era uma cidade que surpreendeu todo mundo, não é? E tudo era surpresa, tudo era ... espanto às vezes, não é mesmo? Tudo! (...) O crescimento da cidade espantava todo mundo. Aqui, por volta de 44, 45, esta avenida Paraná era um passar de caminhões, um atrás do outro. Caminhões de mudança! Sabe como é? Um atrás do outro: passando, passando, não é? Especialmente depois da geada de 42 é que começou esse progresso: entrar gente para todo lado. Quer dizer, esse, esse ... essa vertigem, não é? E essa expansão populacional daqui foi uma coisa que deixou a gente assim, ... de fato perplexo, sabe como é? Onde vai tanta gente? Para onde vai tanta gente? O que vai fazer tanta gente aqui nessa região? Era uma coisa, não é isso, isso era um fato extraordinário, um fato extraordinário. Era uma coisa que ... singular. (...) Nunca tinha visto!!!

Milton R. Menezes

Eu me lembro. Em Iporã, no começo, meu pai tinha padaria, não é? Ave Maria! Quando chegava aquele trem, mas descarregava tanta gente (...), tanta gente naquele trem. Aí subia aquele bando, tudo com aqueles sacos, aquelas coisaradas. Tudo para se instalar aqui pelo Paraná. demais naquela época. Era bom, não é? Tinha trem prá lá e prá cá, não é? Agora não tem mais nada disso, não é? Não tem mais nada! Se viajava só de trem, não é?

Hilária Sperandio Lopes

Esses excertos nos apontam o centro de uma questão fundamental: o Eldorado vivenciado como experiência de uma cisão radical no tempo. Esse fenômeno nos reenvia ao núcleo metodológico da discussão sobre a memória, uma vez que o processo de rememoração se caracteriza como ação que traz ao presente os signos do passado.

Deste Turbilhão voraz, devorador dos tempos e de vidas, emerge a imagem do *Pioneiro* como identidade reconstruída. Lugar de memória assegura a realidade e durabilidade da existência em um mundo estranho. A imagem do pioneiro é uma identidade reconstruída no

presente, a partir do jogo dialético entre as imagens do Eldorado e da Decadência. É necessário então, explicitar que se compreende identidade como “(...) um processo de apropriação simbólica do real que supõe o empreendimento de um ator singular sobre um universo de significações”³.

Os depoimentos de homens e mulheres apresentam algumas características comuns. Para uns e outros, dependendo também da situação social, o Eldorado tem significações diferentes. Para o ex-prefeito Hosken de Novais:

“O motivo porque aqui ... primeiro a terra é dadivosa. A terra muito boa, produzia muito.(...). Então é uma Canaã, todo mundo tem lugar. E todo mundo relativamente consegue um nível de vida bem razoável. E aqui também tinha um a coisa muito interessante: as pessoas se enriqueciam depressa e havia ... e havia, como há em toda parte, aqueles que ostentavam riqueza imediatamente. As vezes morava numa casa de oitenta metros, cem metros, de madeira, desconfortável e tinha automóvel do dia, carro tão grande que parecia um vagão de estrada de ferro (risos).”⁴

Jacinto Tosetti, oficial mecânico⁵ conta o que era o Eldorado:

“(...) o Sr. pode crer, aqui era uma terra danada. Depois principalmente quando o café começou (...) aqui dinheiro corria que nem água. (...) E corria mesmo! Às vezes o sujeito vinha na minha oficina ... olha, chegou nesse ponto: -“Como é tem uma carroça aí pronta?” (...) -“Não eu tenho mas não dá ... prá hoje não dá, não posso.” -“Quanto é a carroça?” - “Um conto e quinhentos” - “Bom, se me entregar hoje eu pago dois contos”. (...) isso é que é ter dinheiro para jogar fora, não é? (...) Eu não dava conta. Cheguei a fazer quinze carroças por mês, mas

3- GAGNON, Nicole. Données autobiographiques et praxis culturelle. In BERTRAUX, Daniel (org). *Cahiers Internationaux de Sociologie* Volume LXIX. Paris: PUF, Juillet-Décembre, 1980 p. 300.

4- A única diferença desse relato para o de Alcyone Pimpão é que este caracteriza essa colonização como “a mais linda Reforma Agrária feita no Brasil”

5- Fabricante de carroças, charretes, rodas d'água, carrocerias, etc. Chegou a Londrina em 1936, procedente de Pombal (SP). Com o pai e o irmão montou uma pequena oficina a comprou um sítio.

a tabela era dez carroças e quatro charretes. E uma vez cheguei a fazer quinze. Eu não dava conta (risos) (...) Para mim foi bom. (...) Se a gente não ganhou dinheiro, mais dinheiro 'é porque a gente não via certos negócios, certas coisa (...) Depois que a gente começou a enxergar já era tarde já!"

Mas, ao mesmo tempo em que o termo "Eldorado" evoca o sentimento de *entusiasmo*, traz consigo, na memória contemporânea, a idéia de seu fim. A narrativa de Jacinto Tosetti é semelhante à de alguns outros depoentes. Luiz Juliani, fotógrafo ambulante que trabalhava na praça da Igreja Matriz desde 1945, narra o auge do café, dizendo que as pessoas não tinham "*dó de dinheiro*", *gastando muito em fotografias*⁶. Genecy Guimarães, torneiro mecânico, considera Londrina "daquela época" como Eldorado porque quando aqui chegou, em 1950, várias ofertas de emprego lhe foram feitas, e observa que havia fartura e podia-se sentir "*no ar, no convívio*", a vibração e o entusiasmo da cidade. Em seguida acrescenta que as coisas mudaram muito porque hoje "*a gente quase se oferece de graça par trabalhar, e ninguém quer*" Antonio Menolli, carroceiro e pequeno agricultor, descreve a grande agitação das carroças locomovendo-se dos armazéns para a estação ferroviária, transportando cereais e café, para observar em seguida que a cidade cresceu muito depressa, mas que agora vai parar porque a máquina tomou o lugar do trabalhador. Neste sentido, o depoimento de Severina Alho é interessantíssimo, pois gravita em torno de dois sentimentos: as alegrias do Eldorado e as tristezas da Decadência⁷. A cafeicultura, as alegrias do trabalho, a riqueza de todos, o comércio, o trem, a fertilidade do solo são imagens impressionantes da Londrina antiga. Por outro lado, as transformações com o fim do café, a remoção da linha férrea do centro da cidade, a invasão da cidade pela leva de miseráveis, a ascensão dos militares ao poder são lembrados com profunda tristeza, representam "o fim" da própria cidade. A Londrina provinciana - na qual todos se conheciam e eram felizes- cede lugar à metrópole, símbolo de desenraizamento:

6- Foi a época áurea para ele também, que conseguiu comprar sua residência.

7- Severina Alho chegou a londrina em 1934, aos 18 anos, quando já era formada em Odontologia pela USP. Seu marido era um rico cafeicultor, empresário e Cônsul de Portugal em Londrina.

“Tudo era alegria, tudo era maravilha. Nós não pensávamos que Londrina ficasse uma cidade triste. (...) Todo mundo já ... É uma pena, acabou! Entristeceu a cidade mesmo, ficou uma cidade cosmopolita, como uma cidade qualquer ...”

A ligação que a depoente tinha com a cidade devia-se ao fato de ser reconhecida e reconhecer-se como pioneira, e por isso mesmo podia dedicar-se ao encontro com os amigos e ao esclarecimento dos que têm interesse sobre o passado da cidade. O fim da cafeicultura aparece em todos os depoimentos, irredutivelmente relacionado às transformações gerais da sociedade e à crise mais contemporânea. Neste sentido, os problemas econômicos, a política institucional, a violência urbana, dentre outros, são verdadeiramente incompreensíveis e revelam um estranhamento frente ao mundo do presente.

É na medida em que se auto reconhecem como pioneiros, que os depoentes encontram seu lugar no mundo atual. Esse lugar é construído na medida de suas realizações pessoais e em relação à contribuição que deram na formação da cidade. Após narrar sua vida de trabalho e de luta para criar os filhos, Antonio Menolli, observa laconicamente que *“pioneiro é gente que nem eu ... pioneiro sou eu e outros aí”* que também ajudaram a formar a cidade. Para Antonio Lima, cuja vida foi de constante migração até sua fixação definitiva na cidade, pioneiro *“é aquele que veio aqui, como vai para qualquer outra cidade (...) para fazer alguma coisa e enraizar ali, para ficar, para produzir naquela cidade (...) eu mesmo sou um (...) porque eu vim naquela época com intenção de ficar”*. Jacintho Tosetti também considera-se pioneiro porque conseguiu aqui o que desejava: trabalhar por conta própria (não ser empregado), educar os filhos e porque ajudou Londrina a progredir. Luiz Juliani considera como pioneiros aqueles que *“elegeram primeiro e lutaram para fazer a cidade crescer”* e embora não fale como pioneiro, apresenta-se como filho de um deles. Há, evidentemente, um sentido de vitória em todas essas concepções que é, entretanto, bem distinta da visão do poder- que enfatiza o enriquecimento e a política. Identificando-se como pioneiros, os “pequenos” consideram-se duplamente sobreviventes. Em primeiro lugar conseguiram resistir ao avassalador movimento do Eldorado, que lhes “roubou” muitas oportunidades. Apesar disto, “o pouco que conseguiram amearhar com seu trabalho” permitiu que sobrevivessem ao cataclismo

da sociedade cafeeira, que fez com que muitos migrassem para novas frentes de expansão, ou então, viessem para a cidade amontoar-se nas favelas. Mais do que isto, no entanto, na medida em que reconstruíam suas vidas sob signo do pioneirismo, os depoentes sobrevivem no mundo atual, criando nele um lugar do qual falam para a sociedade, exigindo desta o reconhecimento de sua existência, do valor de seu trabalho e da contribuição que inegavelmente deram para a formação de Londrina e do Norte do Paraná.

Finalmente, é fundamental observar que as representações do pioneirismo do presente nos depoimentos que recolhemos, provocam uma erosão, por assim dizer, no discurso de poder. Na medida em que englobam muitos outros fatores sociais – para além do enriquecimento, da política e do discurso do progresso – nos reenviam àquelas caracterizações da frente pioneira elaboradas por Pierre Mombeig e Leo Waibel⁸, e apresentam uma história muito mais social e democrática da cidade e região, que permite a incorporação também daqueles que já não podem lembrar. Quando fala do pioneiro, Antonio Menolli observa: “*Alguns, coitados, foram embora, não é?*”

8- MOMBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: HUCITE/Pólis, 1984. WAIBEL, Leo. As zonas pioneiras do Brasil. In *Capítulos de Geografia tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro: SEPLAN/IBGE, 1979.

3.3. MUSEUS HISTÓRICOS: desafios da salvaguarda e da comunicação

*Gilberto Hildebrando**

Resumo:

Entre a recolha, tombamento e comunicação do acervo museológico, coexistem áreas de contato que se atritam e se encantam mutuamente. Este processo se instaura tendo como suporte o território dos museus e a museologia como disciplina e como método. O conceito de museu, contudo, é historicamente definido e caminha pelas sensibilidades da sociedade que o incorpora. Entre a idéia de museu-templo e a de museu-problema, apresentam-se os dilemas das funções usualmente atribuídas à instituição: a salvaguarda, a pesquisa e a comunicação. Neste artigo pretende-se discutir algumas das idéias que vinculam uma política preservacionista à política de comunicação.

Palavras-chave : *Museus; Museologia; Expografia – Linguagens*

O território dos museus tem sido utilizado como instância de embate entre as agruras das lembranças e memórias e das intencionalidades dos historiadores. Esta instituição, com seus próprios dilemas, presentes desde sua origem no século XVIII, em França, aos moldes das atuais instituições, ou ainda, em sua origem etimológica que remonta à Grécia antiga¹, vai se configurar como um palco de constituição de representações do passado, erigido no calor das disputas entre história e memória.

1- O termo *museion*, em grego, refere-se ao templo das musas, filhas de Mnemósine (memória) e Zeus (poder).

*- Mestre em História. (Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina). E-mail: gh.brandao@gmail.com.

A museologia tem caminhos que permeiam uma estrutura arraigada a uma visão essencialmente contemplativa do acervo, ao menos até fins da década de 1960. No Brasil, não é incomum, ainda hoje, a organização expográfica de museus que privilegiem concepções do processo histórico sob o viés quase que exclusivo da cronologia. Este método de leitura do museu traduz-se numa concepção que privilegia o espaço edificado que dá salvaguarda ao acervo, organizado por sua vez com foco em si próprio, à revelia dos saberes dos visitantes, que se tornam meros espectadores.

Sucessivos estudos, ao longo do século XX, em particular na Europa, propiciaram versões de uma museologia como ciência, como disciplina e posteriormente, transferindo o olhar à realidade de onde fala o homem e para as relações que se estabelecem entre esta realidade e aqueles que a constroem. No entanto, Rússia vai afirmar que ainda persistem alguns preconceitos, na forma de

restos de uma velha museologia muito pouco científica, ou pretensamente científica, que faz questão de colocar a museologia como ciência dos museus. [...] [Fosse assim] teríamos que adotar para a medicina a definição ou o conceito de que a medicina é a ciência dos hospitais, de que a pedagogia é a ciência das escolas. Então, pra nós, o museu é apenas uma 'base institucional necessária'. (RÚSSIO, 1984, p. 60).

Especialistas na América Latina tiveram um papel particular na colaboração da definição conceitual e aparando arestas entre visões conflitantes sobre o museu, particularmente na Mesa Redonda de Santiago, em 1972². Para Maria Célia Santos, este Encontro, marcou profundamente as estradas da museologia ao lançar bases para

uma ação museológica que considera o sistema lingüístico empregado pelas comunidades, reconhece que o ser humano se move em um mundo essencialmente simbólico e compreende que o cotidiano não é apenas um resíduo. A vida cotidiana passa a ser considerada entre as múltiplas realidades, como a 'realidade por excelência', que não se

2- 1958 – Brasil – Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus; 1972 – Chile – Mesa Redonda de Santiago; 1984 – Canadá – Declaração de Quebec; 1984 – México – Declaração de Oaxtepec; 1992 – Venezuela – Declaração de Caracas.

esgota na presença imediata, mas abarca fenômenos que não estão presentes ‘aqui e agora’, o que significa que a experimentamos em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal. (SANTOS, 2008, p. 83)

Trata-se, na verdade, de interpretar a museologia a partir de um espectro mais abrangente de conceitos e possibilidades de atuação, pois considera e valoriza as experiências do passado.

Quanto ao conceito de museu, há que se considerar que o mesmo tem sido construído a partir de consensos e dissensos, em diferentes épocas, com seus dissabores e suas performances. O Conselho Internacional de Museus – ICOM³, em inúmeras reuniões e como convém a assembléias, numa construção coletiva, recolheu interpretações ao redor do mundo que traduzissem o alcance da idéia de museu. A mais recente delas, ocorrida em 2001, em Barcelona/Espanha, aprovou o uso do conceito, onde se define que

um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, para fins de estudo, educação e lazer, evidência material das pessoas e de seu meio ambiente. (LOUREIRO, 2004)

Comumente denominados de “templos da memória”, os museus tem incorporado, de forma prevalente, a preservação de fragmentos do passado, como sua principal função, de onde tem emanado seu poder. A manifestação de tal poder está associada ao desejo em estancar a ação do tempo, com a representação do passado sendo imortalizado no patrimônio tombado.

Museu, então, nos remete a um espaço institucionalizado por onde devem circular os elementos criadores e resultantes da relação

3- Sigla em inglês.

específica do homem/sujeito com o bem cultural. Espaço este que pode ser vislumbrado numa fusão de competências e saberes, pelos quais se promove este diálogo, tornando-o mais fértil e fortalecendo as concepções mais críticas do fazer museal.

Quanto às funções do museu, invariavelmente os esforços são dirigidos em três frentes: preservação, pesquisa e comunicação. A rigor, estas funções, com significados e intencionalidades distintas, não devem ser analisadas de forma isoladas, mas apontando-se para a indissociabilidade e para o significado deste entrelaçamento à existência do museu. Segundo Mário Chagas,

estas funções apresentam-se como princípio de identidade dos museus e precisam ser conhecidas e estudadas para que se possa garantir um nível razoável de desempenho das instituições e dos processos museológicos não-institucionalizados. (CHAGAS, 1998, p. 179)

Apurar os rumos que os museus tem tomado, ao darem guarida às lembranças representadas por objetos, fotos, e outros exemplares da cultura material, parece ser de suma importância. Até mesmo perceber quando os museus se tornam, de fato, mais um terreno de disputas entre a memória e a história e menos um potente arquivo, alimentados por aquisições contínuas de acervo e disponibilizados ao grande público por meio de exposições.

Leopoldo G. Pio, ao discutir a intencionalidade dos processos de seleção e, em última instância, da escolha ou aceitação de quais objetos possuem o estatuto necessário para serem admitidos como “objetos de museu”, apresenta-nos os riscos de sermos devorados por um determinado conceito de historicidade, ao afirmar que “os objetos históricos aparecem como algo que existiu ‘desde sempre’, e não como são na realidade, ou seja, o produto de uma seleção feita com objetivos políticos e estéticos específicos”. (PIO, 2005, p. 49).

Ao se falar desta intencionalidade, há que se considerar as nuances de incorporação de qualquer discurso unívoco como representativo de seu próprio passado, independentemente de como ou por quem tenha sido produzido. Arantes afirma que

os monumentos que se conservam são aqueles que estão associados com os feitos e a produção cultural das classes dominantes. Raramente se preserva a história dos dominados. (...)

Muitos desses fatos, acontecimentos, produtos culturais não são sequer percebidos pelas classes dominantes que controlam o patrimônio e que são levadas, às vezes inconscientemente, a privilegiar sua própria história e os bens simbólicos que lhes dizem respeito mais de perto. (ARANTES, 1984, p. 33-34)

No entanto, não basta localizar a origem destes discursos, uma vez que na questão da memória e suas representações, por exemplo, nos monumentos, é improvável afirmar que as chamadas classes populares não têm nenhuma referência à sua própria memória ao apreciar um monumento erigido pela classe dominante. É necessário tomar como referência, ao contrário do que afirma Arantes, que as elites não erigem monumentos exclusivamente para si e que a vinculação de diferentes histórias e experiências pode tomar como catalisador um destes exemplos de preservação.

Um museu que se diga “das elites”, não foi decerto, construído em quintal particular. A memória de um grupo necessita transcender o alcance de suas raízes e brotos para além dos componentes deste grupo. A trama museal, neste caso, amplifica o som de memórias particulares, onde, segundo seu poder, assume características, interfere em pontos de contato com as diversas memórias daqueles que experimentam um diálogo com o museu.

A função guardião do museu não se limita, contudo, às ações de proteção do acervo. Não é suficiente para a preservação a simples guarda. Os doadores, de modo geral, desejam ver sua doação compondo os “palcos expositivos”. É motivo de inquietação para o doador, o período de silêncio que se impõe ao objeto até sua incorporação ao universo expográfico da instituição. Cria-se um elo entre doador e instituição, porém com traços de desconfiança, principalmente se o doador vê sinais de descuido com o bem ou até se o mesmo não foi exposto.

Tal discussão perpassa pelas estruturas de poder que tomam conta das instituições, bem como a de seus mantenedores. Nos meandros da coleta espontânea ou provocada dos acervos, há um rasgo discursivo que silencia boa parte das possibilidades de construção do pensamento

histórico. E este é um processo que se constrói mediante o uso das fontes materiais de forma unilateral. Daí a importância de se olhar para além das memórias de grupos segmentados e tentar enxergar os silêncios e as omissões, de onde quer que parta o discurso preservacionista das experiências do passado. O foco da ação dos museólogos e outros especialistas que atuam com o fato museal não deve ser o objeto, na qualidade de componente do acervo. O público e suas relações com os bens tombados é que se coloca no centro das atenções e é para ele que devem ser dirigidos os esforços mais emblemáticos.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio A. (org.) *Produzindo o passado*. Estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAGAS, Mário. O Museu-Casa como problema: comunicação e educação em processo. In: Seminário sobre Museus-Casas (2.: 1996: Rio de Janeiro, RJ). *Anais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998, p. 177-199.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. *Ciência da Informação*, Vol. 33, No 2 (2004). Disponível em <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/93/83>>, acessado em 21 mar. 2010.

PIO, Leopoldo G. Musealização e cultura contemporânea. In: *Revista Musas-Revista Brasileira de Museologia*, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Nº 2, 2006. P. 48-57.

RÚSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antonio A. (org.) *Produzindo o passado*. Estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 59-64.

SANTOS, Maria Célia T. M. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN/DEMU, 2008.

4.1. MARIA ANGÉLICA JANAZIVICZ DE LIMA

O Projeto CUCO (Cultural Comunitário) foi executado na década de 90 entre o Museu Histórico de Londrina, o Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina e a Secretaria Municipal de Educação do de Londrina. O objetivo do projeto era colocar a criança em contato com a experiência de vida dos pioneiros e a história de Londrina, cujo ensino era ofertado na 3ª série do ensino fundamental da rede municipal de ensino.

Uma vez por mês, era elaborado o perfil de um pioneiro, que podia ser: professor, telegrafista, farmacêutico, voluntárias que colaboravam para o desenvolvimento da cidade, entre outros. Escolhia-se uma escola e o professor trabalhava, em sala de aula, perguntas para o pioneiro. O encontro era realizado durante uma visita ao Museu, onde cada criança fazia sua pergunta ao pioneiro. O evento era gravado em fita-cassete e filmado; posteriormente, a entrevista era transcrita, revisada e distribuída pelas escolas municipais como instrumento de pesquisa.

Durante a entrevista, havia um professor de história que intervinha para fornecer informações complementares, contextualizando os fatos dentro da história do Paraná e do Brasil.

A entrevista com a Sra. Maria Angélica Janazivicz de Lima teve a participação da Escola Municipal Dr. Oswaldo Alberto de Souza Palhares, de Tamarana, ex-distrito de Londrina.

O trecho da entrevista abaixo é da Sra. Maria Angélica Janazivicz de Lima (*10/11/1912), a qual se casou em Tibagi, no Paraná, no ano de 1936, com o Sr. Otávio, político e comerciante em Tamarana, onde passaram a residir.

Trechos da Entrevista

“[...]

Aluno: Meu nome é Rodrigo. Nessa época em que a Sra. veio para Tamarana, qual era a moeda existente?

Maria: Era mil réis. [...]”

“[...]

Aluno: Angélica, o que eram as cangalhas?

Prof. Antonio: Gostaria de perguntar como era questão da saúde, como é que se fazia naquela época, já que era tão difícil.

Maria: Naquele tempo tinha tanto curador em Tamarana, que nem sei. Eles compravam o remédio, faziam uma garrafada de 9 misturas e davam pros doentes. E os comerciantes sempre vendiam muita homeopatia. Todo mundo vendia homeopatia.

Interferente: Se fosse um caso mais grave, como se fazia?

Maria: Morria. Teve o Arlindo, cuja história acho que ninguém sabe. Não sei como ele caiu da escada e quebrou a perna. Vieram aqui em Londrina e levaram o doutor Gabriel Martins lá. Ele olhou a perna dele e disse: - Não, precisa levar para Londrina. Então fizeram uma padiola e trouxeram-no até a fazenda do Bule. Ali na fazenda pegaram um caminhão e o trouxeram para Londrina. Na padiola carregavam nas costas, era um homem na frente, outros atrás e o doente no meio. [...]”

“[...]

Interferente: (Prof. Enezila) Eu cresci numa Tamarana onde a gente tinha que tirar água do poço pra beber. Não tinha energia elétrica. A gente estudava com velinha em cima da mesa, senão lampiãozinho de querosene, chamado fifo. Não tinha água e não tinha banheiro. Tinha aquelas privadinhas lá fora [...]”

“[...]

Maria: O primeiro carro que entrou em Tamarana veio de Ponta Grossa. Passou por Londrina, por todas essas cidades, veio por um picadão e chegou até Tamarana. Em 45 mais ou menos [...]”

“[...]

Interferente: (Prof. Enezila) Nós ajudávamos muito a mãe da gente. Serviço de criança era levantar cedo, tirar água do poço e encher os baldes, a gente lavava a louça na bacia, ou então, algumas pessoas lavavam na gamela, que é feita de madeira. É uma bacia cavada na madeira. Catar graveto, porque não tinha fogão à gás, era fogão a lenha. Outro serviço de criança era levantar cedo e jogar o penico lá fora....Tinha um serviço que a gente gostava de fazer, não éramos obrigado a fazer, mas fazíamos porque gostávamos. Não tinha água encanada e não tinha tanque. ... então ia lavar na mina. Ir na mina era uma aventura. A mina era um lugar fantástico.... tinha uma bica e essa água saía dali pra lavar roupa. E quando a gente juntava a roupa suja ia lavar na mina era uma festa. Porque não era só lavar roupa. Era catar gabiroba, pinhão e araticum. Enfim, a vida era muito mais simples. E tem um poeta que fala que a gente vai ficando velho e começa a lembrar das coisas do passado e fica com saudade. Aí ele pergunta: “Será que eu era feliz naquela época?” E diz: “Se eu não era feliz naquela época eu estou sendo feliz agora na minha lembrança.” É o poeta Fernando Pessoa quem diz isso. A minha lembrança é muito boa. E sou muito feliz de lembrar disso. Se eu era feliz naquela época, será que era? Quando nós somos felizes, nós não sabemos [...].”

LIMA, Maria Angélica Janazivicz de. *Depoimento*. Londrina : 1994. Entrevista coordenada pelo Prof^o Jorge Cernev. Transcrição s.n. Fita VHS original, pertence ao acervo do Museu Histórico de Londrina. (Projeto CUCO)

5. ASAM

A Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina-ASAM é uma sociedade civil sem fins lucrativos, formada por voluntários de diversas áreas e segmentos com a finalidade de promover a cultura, defender e conservar o patrimônio histórico, apoiar os projetos educacionais e culturais, contribuir para a divulgação da imagem do Museu e das atividades junto à sociedade, trabalhar para o enriquecimento do acervo histórico e cultural, angariar recursos financeiros junto à comunidade para desenvolver e executar projetos e programas como: exposições inéditas, cursos, conferências, seminários, projeção de filmes, espetáculos, lançamento de livros e publicações.

Após a revitalização e reabertura do Museu em dezembro de 2000, os voluntários da ASAM, que até então estavam concentrados na captação de recursos junto à sociedade para a reforma do prédio da antiga Estação Ferroviária e na adequação dos espaços dos acervos, passaram a se reunir com o objetivo de captar fundos através de editais públicos para financiamento de projetos e também atrair a comunidade londrinense e da Região para a visita ao Museu com eventos e promoções culturais e educacionais tais como: Dia Internacional dos Museus, Chá entre Amigos do Museu, Dia do Pioneiro, Aniversário do Museu, Tem Criança no Museu, Natal no Museu e outros.

Para a ASAM, esse respeito, determinação e coragem, adquiridos no decorrer dos anos faz com que a instituição, juntamente com a direção do Museu, tome decisões em favor do patrimônio que encanta e sensibiliza os visitantes que por aqui passam.

Muito se fez e muito há de se fazer em prol do Museu... a ASAM, certamente continuará sua tarefa de contribuir, divulgar, promover, propor, apoiar e buscar recursos para resgatar, preservar e modernizar o patrimônio histórico, deste que é o guardião de nossa história.

Arqt. Ighes Dequech Álvares

Pres. da ASAM

Associação dos Amigos do Museu

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;
 - Título;
 - Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
 - Resumo – máximo 150 palavras;
 - Palavras-chave - até 6 palavras;
 - Texto não deve ultrapassar 5 laudas (word for windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm;
 - Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
 - Deverão ser apresentados em cd e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.
2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.
3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.
4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.
5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15 cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em cd. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.
6. Contato:
 - Fone: (43) 3323-0082 / bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Direção

Prof^ª Dr^ª Angelita Marques Visalli

Secretaria

Secretário Executivo: Cesar Augusto de Poli

Projeto Aprendiz:

Luis Fernando Bueno dos Santos

Vanessa Ribeiro da Silva

Equipe de Apoio

Auxiliares Operacionais:

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Diva Barbosa da Silva

Maria Fungachi Botelho

Neiva Lemes Albrecht Batista

Assessor Especial

Arquiteto e Design: Christian Steagall-Condé

Setor de Ação Educativa

Técnico em Assuntos Universitários: Gilberto Hildebrando

Setor de Comunicação Social

Jornalista e Assessora de Imprensa: Barbara Daher Belinati

Setor de Imagem e Som

Técnicas em Assuntos Universitários:

Aurea Keiko Yamane

Célia Rodrigues de Oliveira

Técnico em Multimídia: Rui Cabral

Setor de Biblioteca e Documentação

Bibliotecárias:

Rosangela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Setor de Museologia

Técnico em Museologia: Ninger Ovidio Marena

Apoio Técnico: Amauri Ramos da Silva

Museu Histórico de Londrina
Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro - Londrina-Pr - CEP: 86010-350
(43) 3323-0082 - museu@uel.br



*Exposição Expressão visual de um autodidata:
J. Juliani, o colono fotógrafo*



*Exposição Haruo Ohara:
fotografias*

REALIZAÇÃO

MUSEU HISTÓRICO
DE LONDRIINA
MUSEU DE HISTÓRIA LOCAL

PATROCÍNIO

IPHAN
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO
NACIONAL

PROMOÇÃO



Universidade
Estadual de Londrina